



Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Bolsista: Luciana Cavalcanti Alvarez

Orientador: Rodrigo F. Toniol

### **Questão de Ciência: controvérsias científicas no campo da saúde**

O projeto de iniciação científica “Questão de ciência: as controvérsias científicas no campo da saúde”<sup>1</sup>, que teve início em agosto de 2019, tinha como objetivo analisar o papel e o discurso do recém inaugurado Instituto Questão de Ciência (IQC). Trata-se de uma fundação de São Paulo que se define apartidário, sem fins lucrativos e que se propõe a levar a ciência ao debate público<sup>2</sup>. Seu *slogan* “por políticas públicas baseadas em evidências” resume sua grande bandeira: a defesa da ideia de que políticas públicas devem ser formuladas e fundamentadas a partir do conhecimento científico, como forma de garantir o uso adequado do dinheiro público. Tendo como embasamento teórico a Teoria do Ator-Rede (TAR) de Bruno Latour (2012) e a partir do enquadramento metodológico da controvérsia, buscou-se observar e analisar o papel do IQC enquanto ator importante de uma rede de controvérsias sobre a utilização e eficácia de terapias alternativas e complementares como tratamentos de saúde, assim como sobre o seu oferecimento no SUS a partir da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

O interesse em estudar o IQC deu-se a partir de suas posições críticas sobre diversos tipos de terapias alternativas e sobre a PNPIC, lei que regulamentou e estabeleceu o oferecimento de diversas terapias holísticas e alternativas no SUS. Nesse sentido, o instituto configura-se como um ator contrário ao que se pode chamar de um processo de institucionalização da categoria “espiritualidade” no campo da saúde, processo esse que é foco do projeto “Espiritualidade Institucionalizada: Políticas públicas, usos clínicos e pesquisas médicas na legitimação da espiritualidade como fator de saúde no Brasil”<sup>3</sup>, do qual essa iniciação faz parte, coordenado pelo prof. dr. Rodrigo Toniol.

---

<sup>1</sup> Pesquisa contemplada com bolsa de iniciação científica da Fapesp, de agosto de 2019 a julho de 2020 (nº do processo: 2019/12643-0).

<sup>2</sup> <https://iqc.org.br/quem-somos/iqc/>

<sup>3</sup> Pesquisa contemplada na modalidade Jovem Pesquisador pela Fapesp (nº do processo: 2018/05193-5).

O IQC, inaugurado em dezembro de 2018, foi inicialmente idealizado por um grupo de 4 pessoas, com a promessa de proteger o bolso do cidadão a partir da defesa de que a ciência seja base para a formulação de políticas públicas, colocada como forma racional de uso do dinheiro público. Na época em que foi criado, a equipe era formada por um físico, um psicólogo, pela microbiologista Natália Pasternak, presidente do Instituto e pelo jornalista, Carlos Orsi, que ocupa o cargo de editor-chefe da revista eletrônica do IQC. Ao longo de 2019, a equipe do Instituto cresceu consideravelmente e realizou projetos em parcerias com outras instituições, como por exemplo o ciclo de debates “O que a ignorância tem a nos ensinar?” com o Instituto de Estudos Avançados da USP.

O trabalho de campo dessa iniciação consistiu no comparecimento a três eventos promovidos pelo IQC ou que tiveram a presença de um de seus integrantes (foram eles: a. palestra de Natália Pasternak em evento do projeto Pint of Science, do qual ela foi coordenadora nacional, em Barão Geraldo; b. palestra do psicólogo Stuart Vyse “Porque as pessoas acreditam no que acreditam?”; c. Congresso 10 à 23, evento de comemoração de um ano do instituto) e no acompanhamento regular, ao longo da vigência de toda a bolsa, da revista eletrônica *Questão de Ciência*<sup>4</sup>, que tem em média 5 publicações semanais. No que se refere à observação da revista, o foco de análise para essa pesquisa foram principalmente as publicações dedicadas a temas como terapias alternativas e complementares, pseudociência, saúde e, a partir do primeiro semestre de 2020, a relação desses temas com a pandemia de coronavírus.

Analisando a revista, foi possível notar que suas publicações consistem em textos curtos sobre variados assuntos, com abordagens e tons que variam segundo o objetivo de cada texto. Há diferentes tipos de publicações, algumas com caráter informativo sobre a ciência e seu modus operandi (por exemplo sobre método e rigor científico) e outras que contestam afirmações do senso comum consideradas equivocadas sobre os mais variados assuntos científicos e textos de caráter irônico ou cômico, mas, de maneira geral, as publicações giram sempre em torno de questões que dizem respeito à ciência. Para essa pesquisa, importou o fato de que é marcante a posição crítica do IQC com relação a um espantinho que engloba diferentes tipos de práticas e terapias alternativas ou complementares (com particular destaque da homeopatia), muitas vezes referidas como pseudociências. Para fazer as críticas, o instituto baseia-se nas comprovações científicas sobre a ineficácia, na incompatibilidade com um pensamento racional e/ou com o método científico, o que leva diretamente à acusação de pseudociência ou anticientificismo, a exemplo do apontamento que Stengers (2002) faz

---

<sup>4</sup> <http://revistaquestaodeciencia.com.br/>

quando afirma que, pelo demarcacionismo, a ciência se valida ao opor-se a práticas que desqualifica enquanto pseudocientíficas.

Com essa análise, foi possível, então, constatar que a crítica a diversos tipos de terapias alternativas e complementares é tema privilegiado nas publicações da revista, a partir de argumentações que se baseiam em evidências e conhecimentos científicos para atestar a ineficácia e o caráter “falso” ou “enganador” delas. Além disso, a partir do campo também foram definidas três questões centrais para essa iniciação científica, enquanto resultados da observação realizada.

A primeira questão relaciona-se à maneira como o IQC se coloca no debate público e, com isso, ao lugar que busca ocupar, ao tentar se distanciar da área da divulgação científica. O IQC define-se como defensor e promotor da ciência assim como de um pensamento cético, como forma de afastar-se do lugar da simples divulgação científica e numa aproximação da atuação de institutos internacionais parceiros nos quais o IQC se inspira, como o *Good Thinking Society* no Reino Unido, *Friends of Science in Medicine* na Austrália e o *Aspen Institute* nos EUA. Nesse sentido, há a ideia de um *movimento* (Jasper, 2016) cético e de uma atuação militante que busca defender a ciência e promover sua presença no debate público, como uma forma de proteção do cidadão a partir do embasamento em evidências científicas na formulação de políticas públicas.

A segunda questão diz respeito à linguagem e à forma como o IQC produz seus posicionamentos, argumentos e sua atuação crítica. É frequente o uso de recursos da linguagem como estratégia para fazer uma diferenciação positivadora da ciência, criando uma fronteira antagonística que produz uma separação entre amigos e inimigos (Cesarino, 2020). Esse efeito é perceptível não apenas nos títulos e argumentos sarcásticos das publicações da revista eletrônica, que fazem referência e se aproximam de uma linguagem memética e própria da internet, mas também na ideia de que é preciso defender o consumidor de terapias enganadoras ou de charlatões.

A terceira questão se trata da caracterização de terapias complementares como pseudocientíficas e, com a emergência da crise sanitária pela covid-19, uma aproximação delas - em função de sua “irracionalidade” - às tendências negacionistas atuais escancaradas pela pandemia, também definidas como irracionais. Foi possível identificar uma oposição que coloca “irracionalidade” ao lado de pseudociências, terapias alternativas e ideias negacionistas em geral, e “racionalidade” ao lado da ciência e da evidência científica. A cloroquina e seu uso político e para publicidade feito pelo presidente Jair Bolsonaro foi um caso concreto a partir do qual o IQC fundamentou essa argumentação. Assim, identifiquei na cloroquina um

ator importante a ser seguido, nos termos da TAR, como um caminho possível para começar a traçar possíveis relações entre as controvérsias científicas e o pensamento negacionista no Brasil.

Pensando nas controvérsias públicas referentes à pandemia, houve um deslocamento de foco quando o IQC atacou as terapias alternativas ou a gestão do governo federal. No entanto, apesar de representarem atores que ocupam lugares distintos no debate público sobre saúde e ciência, ambos são tratados pelo IQC, de alguma forma, como “inimigos” da boa prática científica. Seja porque provocam a relativização dos acordos compartilhados pela comunidade científica séria - o que dá margem para o afrouxamento do rigor metodológico e a diminuição de sua relevância - seja porque falam abertamente contra a ciência, pensando nas posturas negacionistas adotadas pelo presidente ou seus seguidores. Houve, portanto, uma aproximação entre terapias alternativas e complementares e posturas negacionistas ou anti científicas frente à pandemia. Nesse sentido, identifiquei um apelo para a noção da *irracionalidade*, qual seja não apenas a falta de racionalidade, mas também a não-racionalidade, como opostas à ciência que segue padrões determinados pela razão. Portanto, a lógica das mais diversas terapias alternativas, assim como ideias negacionistas, são tidos como pensamentos e posturas que se apoiam em ideias que não são baseadas na razão e que vão contra essa racionalidade defendida pelo IQC, representada por um conjunto de elementos que compõem o bom funcionamento da ciência.

É importante sublinhar que a crise sanitária redimensionou o campo acrescentando novos elementos para a pesquisa. Com isso, foi possível notar uma continuidade, que identifiquei no desdobramento de argumentos já mobilizados anteriormente pelo IQC, agora situados no contexto da emergência provocada pela pandemia. O que era para o IQC, antes da pandemia, questão de dinheiro público, tornou-se, com o coronavírus, uma questão de vida ou morte. Ou seja, a má ciência, seja a ciência mal feita ou a pseudociência (e aqui, de acordo com os atores do IQC, se incluem as terapias alternativas, encaradas diretamente como mentirosas e enganadoras), da qual era preciso proteger o contribuinte para que o seu dinheiro fosse melhor investido, ou seja, investido de acordo com evidências científicas, agora se tornou ainda mais ameaçadora. Isso porque as urgências para atender pessoas com covid-19 e para encontrar tratamentos e desenvolver vacinas, numa realidade de precarização da saúde pública e dos investimentos em ciência e tecnologia, impõem que tempo e dinheiro sejam investidos da forma “correta”. Nesse sentido, junto com posturas anticência e com a ciência mal feita, às pressas, o investimento em terapias alternativas é encarado como perigoso porque não evitaria (podendo até intensificar) mortes concretamente quantificáveis.

### **Referências Bibliográficas:**

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

JASPER, James M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede (GCC de Sousa, Trad.). Salvador: EDUFBA, São Paulo: EDUSC. (Obra original publicada em 2005), 2012.

STENGERS, Isabelle. A invenção das ciências modernas. Editora 34, 2002.